

Ninguém aprende samba no colégio

LEO JAIME

Um amigo, *self made man* no melhor sentido da expressão, rico até dizer chega, numa avaliação de como tinha sido sua vida com os filhos, me confidenciou: "Perdi muito tempo precioso com os filhos brigando por causa de escola e, o que é pior, por coisas que eles nunca usariam na vida."

Seu ponto de vista era simples. Dizia que as coisas fundamentais na formação educacional de uma pessoa eram: o estudo de pelo menos duas línguas, dois esportes e um instrumento musical. Segundo ele, homem bem-sucedido em vários países e com negócios espalhados pelos quatro cantos do mundo, afinando esses pontos fundamentais, o resto era conhecimento específico e empírico. A própria vida se incumbiria.

Sabendo algumas línguas fica fácil compreender melhor outras realidades, sutilezas culturais, formas de raciocínio. O mundo fica maior para quem fala vários idiomas. Sabendo música, a sensibilidade aguça. A sociabilidade se acentua com a prática de esportes, além da saúde. Isso para ficar na superfície das coisas. Passando bem de raspão mesmo. E a tabela periódica, qual é a utilidade? De que serve na vida do cidadão comum saber a tal da tabela periódica? Serve apenas para dar dor de cabeça e encher o saco da família que vai ter que brigar com o adolescente para que ele se "conscientize" que aquilo é importante para o vestibular.

É essa a finalidade de todo o ensino básico brasileiro. Preparar o indivíduo para o vestibular. Como o próprio nome indica, o vestibular deveria ser um princípio e não um fim.

Depois de uns 12 anos na escola não aprendemos nada. Quem no Brasil fala o português direito? É claro que o aprendizado de aritmética é fundamental para o desenvolvimento do raciocínio, noções de física, história, todo o saber é ilustrativo e não ocupa espaço. O problema é que há uma inversão da função do Estado e da educação na vida do cidadão. A educação se ocupa em ensinar o ilustrativo e não o fundamental. Saber o cosseno da tangente da hipotenusa circunflexa é lindo, agora, como é mesmo que se escolhe uma boa beterraba na feira? Saber de cor o nome de todos os presidentes da República faz um sucesso danado em reuniões sociais de gente chata, e como é que faz para a gente não levar uma volta do mecânico quando ele começa com aquele papo do pino da grampola da parafuseta? Como andar dentro da lei se ninguém nos ensina o que é que pode e o que não pode? Mesmo nossos jogadores de futebol nunca leram as regras do futebol. É assim que o Estado nos prepara?

Há uma lista de coisas que precisamos aprender e que a escola não ensina. Consertos domésticos, princípios de economia, a Constituição, noções de mecânica, primeiros socorros, como dirigir, como ditilografar, como usar um computador, como fazer

fazer bainha, não sabe a diferença de uma salsa e um coentro? Gente que sabe a raiz quadrada de 9 e não sabe onde usar raiz forte, estudar para quê? Chega no meio da faculdade a maioria desiste mesmo! Nem sabe o que está fazendo ali. Em geral um bombeiro é mais necessário que um engenheiro hidráulico, precisamos de mais pessoas para consertar televisões e carros que para desenhar televisões e carros.

Universidade deveria ser para quem tem vocações intelectuais e não para quem quer uma profissão. Isso deveria ser mais fácil e acessível. A cidadania é um ensinamento fundamental. Como ser um cidadão? Quem ensina isso? Quem ensina aquilo que todo cidadão precisa saber?

A origem disso é antiga e arraigada em nossa cultura. Os jesuítas achavam que o ensino não tinha que ser pragmático. O ensino tinha que visar ao enriquecimento da alma. Aprender a tirar leite da vaca, a plantar uma horta, tudo isso deveria ser aprendido fora da escola.

Por outro lado, o ensino profissionalizante deu errado por ter sido mal direcionado. Quem quer aprender a ganhar pouco? Ora, quem se candidataria àqueles cursos não tem nem tempo de ir à escola, desde os 7 anos está batalhando. Seja lá como for, não é de ensino profissionalizante que estou falando. Não apenas. Falo de educação básica. De poder ser alguém sem necessariamente ter que fazer um curso superior. De visualizar a educação de uma maneira mais abrangente. Ensinar mais o que é necessário e deixar como opcional o que pode vir a ser

meramente ilustrativo. Dar ao indivíduo armas para que ele possa até ter uma noção do ambiente e prática profissional que cada área oferece antes de optar pelo caminho a seguir. Ninguém, aos 16 anos, tem certeza se quer mesmo ser advogado ou zootécnico, pois, aos 16 anos, normalmente, ninguém nunca viu de perto, na função, um advogado ou zootécnico.

Se na escola tivéssemos um médico ensinando medicina básica, um advogado ensinando direitos básicos, um atleta ensinando um esporte, um músico ensinando música etc., possibilitaríamos o contato entre o jovem e suas reais possibilidades. Num sistema de créditos, com cursos de quatro meses, dez matérias por semestre, em dois anos teríamos tido a oportunidade de aprender o básico para podermos nos iniciar em várias profissões diferentes. E teríamos condições assim de pagarmos nossos cursos superiores, já trabalhando na área.

O ensino todo deve ser revisto. Não se trata de rever o ensino superior ou acabar com o vestibular. Não sou educador, sou aluno. Vejo que o time está perdendo e não se faz nada para mudar. Penso que a entrada de um novo milênio seja hora de fazer esse balanço. Que tipo de homem a escola está colocando nas ruas?

Noel Rosa já dizia: "Batuque é um privilégio, ninguém aprende samba no colégio." Pois é, Noel, já a insuportável tabela periódica...

LEO JAIME é cantor e compositor.

Cruz

